

UMA HIPÓTESE DE GRAMATICALIZAÇÃO DO PRONOME REFLEXIVO SE NA FALA DE FLORIANÓPOLIS

Raquel Meister Ko. FREITAG (PG-UFSC)*

1. Introdução

Estudos, como o de Menon (1995), apontam que o quadro dos pronomes pessoais do português está passando por mudanças, decorrentes, entre outros fatores, da introdução de novos pronomes-sujeito no sistema pronominal do português. Pretendo focar o quadro dos pronomes reflexivos que, enquanto em algumas regiões do Brasil estão se perdendo, na fala de Florianópolis se mantêm e parecem estar se gramaticalizando como afixos ao verbo.

2. O quadro dos pronomes

Os pronomes pessoais do português estão divididos quanto à função sintática em pronomes pessoais do caso reto, que codificam a função sintática de sujeito da oração, e pronomes pessoais do caso oblíquo, que codificam a função sintática de objeto. Os pronomes oblíquos, por sua vez, são classificados de, pelo menos, dois modos distintos. A Nomenclatura Gramatical Brasileira (1959) diferencia os pronomes oblíquos em reflexivos e não-reflexivos. Porém, nas gramáticas da língua portuguesa a distinção dos pronomes oblíquos se dá na interface sintático-fonológica, considerando a regência e a tonicidade. Assim, os pronomes oblíquos são átonos, quando não levam acento e desempenham a função sintática de objeto direto, ou tônicos, quando levam acento e desempenham a função sintática de objeto indireto (são regidos por preposição¹) ou complemento nominal. O quadro 1 a seguir apresenta o

* rmkf@terra.com.br

paradigma canônico dos pronomes pessoais, conforme apresentado nas gramáticas normativas da língua portuguesa²:

Quadro 1: Paradigma normativo dos pronomes pessoais do português

Pronomes Pessoais		
Caso Reto	Caso Oblíquo	
	<i>átonos</i>	<i>tônicos</i>
eu	me	mim, comigo
tu	te	ti, contigo
ele/ela	o, a, lhe, se	ela, ele, si, consigo
nós	nos	nós, conosco
vós	vos	vós, convosco
Eles/elas	os, as, lhes, se	eles, elas, si, consigo

Pronomes reflexivos não são distinguidos dos demais pronomes oblíquos no quadro. A definição corrente de pronome reflexivo é a de *pronome que faz com que a ação verbal recaia sobre o sujeito* (Camara Jr., 1970, p. 96). Luft (1986) aponta que alguns consideram apenas *si* e *se* pronomes reflexivos. Já autores, como o próprio Luft, argumentam que a “reflexão” pode se dar com qualquer um dos sujeitos pronominais: *Ele se feriu, Eu me feri*. Cunha e Cintra (1985, p.216) consideram o que seriam pronomes reflexivos como *parte integrante de certos verbos, que geralmente exprimem sentimento ou mudança de estado, como “lembrar-se”, “admirar-se”, “derreter-se”*.

Dadas as divergências entre as noções normativistas para a existência e caracterização de pronomes reflexivos, vou tentar clarear meu objeto de estudo, ou seja, o que estou tomando como pronome reflexivo neste trabalho. Tome como exemplo uma frase constituída por SUJEITO_i + VERBO TRANSITIVO DIRETO + OBJETO_i e outra constituída por SUJEITO_i + VERBO TRANSITIVO INDIRETO + OBJETO_j. O índice _i significa que sujeito e objeto são correferenciais.³

Dadas as estruturas, tente-se preencher as lacunas SUJEITO e OBJETO com pronomes pessoais; SUJEITO com pronomes do caso reto, OBJETO com pronomes do caso oblíquo. O resultado, para o singular, é o quadro 2 que segue.

Quadro 2: Estruturas com pronomes reflexivos

	sujeito + verbo transitivo direto + objeto	Sujeito + verbo transitivo indireto + objeto
1ª p. sg.	Eu me vejo[1].	Eu falo comigo mesmo.[2] Eu falo para mim mesmo.
2ª p. sg.	Tu te vês.	Tu falas contigo mesmo. Tu falas para ti mesmo.
	Você se vê.	Você fala consigo mesmo. Você fala com você mesmo.
3ª p. sg.	Ele se vê.[3]	Ele fala consigo mesmo. Ele fala a si mesmo. Ele fala para ele mesmo.

O mesmo vale para o plural. Todos os pronomes oblíquos tônicos permitem interpretação reflexiva. Mas o mesmo não ocorre com os pronomes oblíquos átonos; na terceira pessoa somente o pronome *se* permite interpretação reflexiva. Os outros pronomes não permitem: *Ele o vê/ Ele lhe vê* não têm interpretação correferencial.⁷ Podemos rearranjar o quadro 1, subdividindo os pronomes pessoais oblíquos átonos em reflexivos e não-reflexivos, bem como os pronomes oblíquos, como no quadro 3 a seguir.

Quadro 3: Subdivisão dos pronomes pessoais do caso oblíquo

Pronomes Pessoais				
Caso Reto	Caso Oblíquo			
	átonos		tônicos	
	reflexivos	não-reflexivos	Reflexivos	não-reflexivos
eu	me	me	mim, comigo	mim, comigo
tu	te	te	ti, contigo	ti, contigo
ele/ela	se, ele(a)[1]	o, a, lhe,	ele, ela, si, consigo	ele, ela, si, consigo
nós	nos	nos	nós, conosco	nós, conosco
vós	vos	vos	vós, convosco	vós, convosco
eles/elas	se, eles(as)	os, as, lhes	eles, elas, si, consigo	eles, elas, si, consigo

Pretendo neste trabalho tratar das alterações no quadro dos pronomes oblíquos átonos reflexivos provocada com a introdução de

novos pronomes-sujeito no sistema pronominal do português. Enquanto em algumas regiões do Brasil os pronomes reflexivos estão se perdendo, na fala de Florianópolis eles se mantêm e parecem estar se gramaticalizando como afixos ao verbo.

3. Mudança no quadro dos pronomes

O quadro 1 apresentado na introdução não representa fielmente o sistema pronominal atual do português. Menon (1995, p.93-97) resume algumas das mudanças ocorridas no sistema pronominal do português, especificamente no que se refere à 2ª pessoa. A primeira grande mudança se deu na representação da 2ª pessoa, ainda no português medieval. O pronome *vós* era a forma utilizada quando havia mais de um, (a segunda pessoa do plural efetivamente) ou um único interlocutor. Neste caso, *vós* era uma forma de tratamento respeitoso. O pronome *tu* era utilizado em situações de igualdade entre interlocutores, ou de superior a inferior. Novas formas mais respeitosas para tratar o rei foram introduzidas: *Vossa Mercê*, *Vossa Senhoria*, *Vossa Alteza*, *Vossa Excelência*, *Vossa Magestade*. Destas, a mais antiga é *Vossa Mercê*. Modificações na sociedade portuguesa fizeram com que as formas respeitosas passassem a ser utilizadas como formas de tratamento entre iguais e não-íntimos, perdendo seu valor honorífico e por fim sendo utilizadas por qualquer um, nobre ou não. Paralelamente às mudanças no uso se deram mudanças de ordem fonética: a forma original, *Vossa Mercê*, deu origem ao pronome *você*, uma forma pronominal de se dirigir ao interlocutor, primeiramente de tratamento não-íntimo, depois de tratamento íntimo. As formas *você/você*s passaram a concorrer com *tu/vós*. A forma *você*s suplantou a forma *vóse* as formas *tu* e *você*, em algumas regiões do Brasil, como em Florianópolis, coocorrem e concorrem.

Ainda conforme aponta Menon, as formas *você/você*s têm origem em uma locução nominal, constituídas por um pronome possessivo + substantivo, requerendo o verbo na terceira pessoa, que se gramaticalizou⁹ em pronome de 2ª pessoa (o interlocutor). Outra alteração no sistema

pronominal do português se deu com a entrada de *a gente* como forma de 1ª pessoa do plural. A locução *a gente* (artigo + nome) inicialmente entra como uma estratégia de indeterminação do sujeito e posteriormente se gramaticaliza como pronome de 1ª pessoa do plural, concorrendo com a forma *nós*, em todas as regiões do Brasil. Note-se que *a gente*, originalmente uma locução, também requeria o verbo na terceira pessoa. A forma *a gente* também é utilizada para referir a 1ª pessoa do singular, muitas vezes como estratégia de polidez e de modéstia. Assim, o quadro dos pronomes pessoais de caso reto (pronomes-sujeito) inicialmente proposto se altera:

Quadro 4: Paradigma dos pronomes pessoais com a entrada de *você/vocêse a gente*

Pronomes Pessoais	
1ª pessoa singular	eu/ a gente
2ª pessoa singular	tu/ você
3ª pessoa singular	ele/ela
1ª pessoa plural	nós/a gente
2ª pessoa plural	vós/vocês
3ª pessoa plural	eles/elas

4. A perda dos pronomes reflexivos

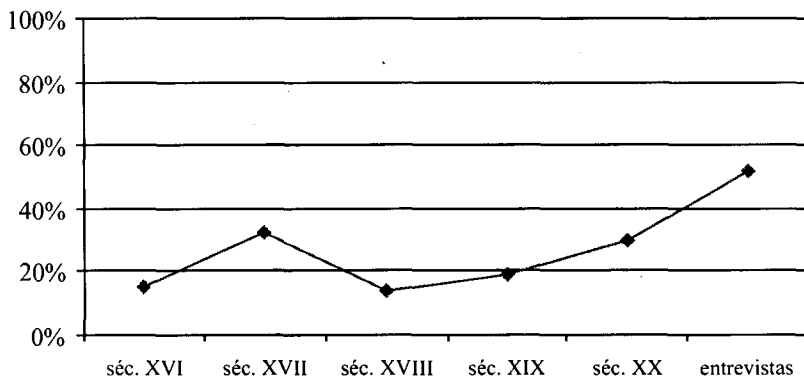
As mudanças ocorridas no quadro dos pronomes do português parecem ter afetado também os pronomes reflexivos. A tendência para a sua perda foi delineada pelo estudo de Nunes (1995), que enfocou dados da seguinte natureza, os quais ele denomina clíticos ánaforicos¹⁰:

- (1) Ele (se) chamava João.
- (2) Ontem eu (me) levantei.

Analisando quatro *corpora*, Nunes encontrou 2.672 dados¹¹¹¹. Seguem os *corpora* utilizados por Nunes e a concentração de dados encontrados em cada um deles:

distribuídos entre a presença e a ausência do clítico anafórico. Nunes afirma que os resultados obtidos permitem delinear diacronicamente a supressão dos clíticos anafóricos no português brasileiro. O gráfico 1 mostra a distribuição dos dados:

Quadro geral da supressão de clíticos anafóricos



—◆— supressão do se

Gráfico 1: Distribuição dos dados de Nunes (1995: 211)

5. Uma hipótese de gramaticalização

O panorama apresentado por Nunes (1995) não parece refletir o que de fato está ocorrendo com o pronome reflexivo *se* na fala de Florianópolis. Observe-se:

- (3) Tu te dás bem com tua irmã, Klaus? (*fala do entrevistador. SC FLP 21 MJG*)¹²

(4) Tu se dava bem com a tua avó, né? (*fala do entrevistador*. SC FLP 23 FJP)

Podemos pensar em uma hipótese de gramaticalização do pronome reflexivo *se* como afixo verbal. Primeiramente, é preciso averiguar em que medida as alterações no quadro dos pronomes-sujeito afetam os pronomes átonos reflexivos, mais especificamente no quadro dos pronomes da fala florianopolitana. A chave para a resposta pode estar nas mudanças no sistema verbal desencadeadas pelas mudanças no sistema pronominal: os pronomes *você/vocês* e *a gente*, inicialmente locuções, depois de gramaticalizadas, ainda carregam reminiscência do traço verbal original.¹³ O processo de gramaticalização pode ativar o mecanismo de analogia para regularizar o paradigma pronominal. A analogia é a generalização de uma regra de acordo com a organização paradigmática, que altera as manifestações de superfície. Esse mecanismo é responsável pela redução de exceções à regra, nivelando o paradigma de acordo com a regra mais produtiva. Hopper & Traugott (1993: 56) exemplificam o caso do plural no inglês: *horse/horses; trace/traces; face/faces; shoe/shoes -shoes*. Na terceira pessoa, o pronome reflexivo é *se*. Por analogia, as formas novas com origem na terceira pessoa *se* espelham no pronome reflexivo da terceira pessoa, *se*. E o quadro dos pronomes reflexivos fica assim:

Quadro 5: Pronomes pessoais e reflexivos após a entrada de *você/você e a gente*

Pronomes Pessoais		
	<i>Sujeito</i>	<i>Reflexivos</i>
1ª pessoa singular	eu	me
2ª pessoa singular	tu/ você	te/ se
3ª pessoa singular	ele/ela	se
1ª pessoa plural	nós/ a gente	nos/ se
2ª pessoa plural	vós/vocês	vós/se
3ª pessoa plural	eles/elas	Se

Mas a analogia parece ir ainda mais além. Vejam-se as frases a seguir:

- (5) Porque aí eu disse pra ele “porque tu vais te arrepender, não sei mais o quê”. (*fala do entrevistado*, SC FLP 03 FAP)
- (6) Tu gostas de dança ou tu não se interessa? (*fala do entrevistador*. SC FLP 23 FJP)
- (7) São muito bons, né? Tu se diverte muito, mais que nos bailes da cidade. (*fala do entrevistado*, SC FLP 14 MBG)
- (8) A gente brincava muito, a gente se machucava. (*fala do entrevistado*, SC FLP 12 MAG)
- (9) Todos nós nos damos muito bem (*fala do entrevistado*, SC FLP 23 FJP)
- (10) O pior é que nós se prestava a isso. (*fala do entrevistado*. SC FLP 01 FAP)
- (11) E nós se matávamos. (*fala do entrevistado*. SC FLP 01 FAP)
- (12) Todos nós se damos muito bem. (*fala do entrevistado*. SC FLP 12 MAG)

Os exemplos elencados apontam para a generalização da regra do uso de *se*, agora não mais restrito a *você/vocêse a gente*, mas a *tu* e a *nós tu/se; nós/se*. Poderíamos pensar em um caso de gramaticalização do *se* reflexivo.

A idéia de gramaticalização que acredito ser mais adequada para explicar o caso do pronome reflexivo *se* é a proposta por Bybee *et alii* (1994), revisada em Bybee (2003). Bybee defende o papel fundamental da repetição no processo de gramaticalização, que é caracterizado como

o processo pelo qual uma seqüência de morfemas ou palavras freqüentemente utilizada torna-se automatizada como uma única unidade no processamento.

Considerando o paradigma pronominal proposto pelas gramáticas normativas, o reflexivo *se* é o pronome mais freqüente, dado que é a mesma forma para a 3ª pessoa do singular e também do plural¹⁴. A perda da clareza semântica das construções que estão passando por gramaticalização leva à ampliação do seu contexto de uso. Como exemplificado anteriormente com dados extraídos da fala de Florianópolis, a forma *se* é usada em contextos outros além dos já fixos. A alta freqüência de uso leva à reanálise. A reanálise consiste na *mudança estrutural de uma expressão ou classe de expressão que não envolve modificação imediata e intrínseca na sua manifestação de superfície* (Langacker, 1977, p. 38). É a mudança de uma regra, porém sem reflexos na sua manifestação, pois essa mudança dá-se apenas no eixo sintagmático. Uma nova estrutura se desenvolve a partir de outra, com o rearranjo das fronteiras entre os constituintes: (a, b) c > a (b, c). Assim, a estrutura inicialmente *Suj_i + pro_i + verbo* passa a *Suj_i + (pro_i + verbo)*: *Tu gostas de dança ou tu não se interessa? Todos nós se damos muito bem.* O *se* passa a ter um comportamento semelhante ao de um afixo, integrando o verbo, tal como apontam Cunha e Cintra (1985).

A hipótese para a gramaticalização do reflexivo *se* na fala de Florianópolis pode ser subsidiada pela evidência vinda do *tok pisin*, em que ocorreu um processo de cliticização do pronome-sujeito como marcador de predicado (Sankoff, 1982 *apud* Votre & Naro 1989: 173-176). Em outras palavras, podemos dizer que houve a gramaticalização de *he* pronome a afixo verbal.

O *tok pisin* atual possui uma estrutura de marcador de predicado, na forma *i-V*, utilizada regularmente em sintagmas nominais indiferentemente de gênero ou número. O afixo *i* decorre historicamente do pronome *he* (pronome-sujeito, 3ª pessoa singular, do inglês), em construções de topicalização, do tipo *this oldman, he plays drums*. A sua forma regular é SN, *i-V*.

A gramaticalização de *i* deu-se progressivamente, e três fases podem ser identificadas. Na primeira fase, o marcador de predicado *i* ainda não tinha regularidade gramatical. Existem evidências da sua topicalização em contextos discursivos específicos, como na troca de sujeito e na ênfase:

- (13) Did you talk do captain at Townsville?
No, Jack, he talked.

Uma análise realizada com 200 períodos apontou que apenas 2,5% das ocorrências de sujeito eram seguidas por *he*.

Na segunda fase do processo, a forma *he* ocorre em 65% das orações com sujeito nominal de um total de 81. Sua ocorrência não tem motivação discursiva aparente:

- (14) Queen Victoria, he look out.

E na terceira fase do processo de gramaticalização de *he*, a sua ocorrência chega a 71% do total, já com o estatuto de SN, *i*-V. Uma nova construção com a finalidade específica de marcador de troca de tópico surge: *em*, *i*-V¹⁵:

- (15) Mitufela sutim, givim long kandari, Bandarap. Bandarap, em, i-kukim. “Nós dois matamos (o porco) e demos a meu tio Bardarap. Bandarap, ele o cozinhou.”

Atualmente, o afixo *i* perdeu o peso discursivo das fases iniciais, e está sujeito às regras morfofonêmicas da língua. Isso fez com que a sua ocorrência global caísse sensivelmente. Está sujeito a se fossilizar.

O processo de gramaticalização de *i* no *tok pisin* pode ser resumido como segue:

- o uso de *he* tem origem discursiva, funcionando como um marcador de entrada e mudança de tópicos;

- é reanalisado como afixo ao verbo (*i-V*);
- seu uso é generalizado para outros contextos que não o de marcador de tópico.

Podemos imaginar que o mesmo processo aconteça com o pronome reflexivo *se* no português falado em Florianópolis. Seria interessante confirmar a hipótese levantada empiricamente, com um estudo quantitativo.

Referências Bibliográficas

BRASIL. *Nomenclatura gramatical brasileira*. Portaria n. 36, de 28 de janeiro de 1959.

BYBEE, J., PERKINGS, R., PAGLIUCA, W. *The evolution of grammar: tense, aspect, and modality in the language of the world*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

_____. "Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency". In: B. Joseph, R. Janda (eds.). *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. [Disponível em <http://www.unm.edu/~jbybee/mechofchng.htm>]

CAMARA JR., J. *Estrutura da língua portuguesa*. 8^o ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

CUNHA, C, CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

HAEGEMAN, L. *Introduction to governing & binding theory*. 2. ed. United Kingdom: Blackwell, 1994.

- HOPPER, P. *On some principles in the grammaticalization*. In: E. Traugott, B. Heine (eds.), 1991. p. 17-35
- _____, TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- LANGACKER, R. "Syntactic reanalysis". In: C. Li (ed.). *Mechanisms of syntactic changes*. Austin: University of Texas Press, 1977. p. 57-139.
- LUFT, C. *Moderna gramática brasileira*. 8^o ed. Porto Alegre: Globo, 1987.
- MENON, O. *O sistema pronominal do português do Brasil*. In: Letras. n. 44. Curitiba, Editora da UFPR, 1995. p. 91-106.
- NUNES, J. "Ainda o famigerado SE." In: *Delta*, vol. 11, n. 2. 1995. p. 201-240.
- SCHEIBMAN, J. "Local patterns of subjectivity". In: J. Bybee, P. Hopper (eds.). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2000. p. 61-90
- TRAUGOTT, E., HEINE, D. (eds.). *Approaches to grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins Company, 1991. v. 1 e 2.
- VOTRE, S., NARO, A. "Mecanismos funcionais do uso da língua". In: *Delta*, vol. 5, n. 2, 1989. p. 169-184.

Notas

Agradeço à professora Odete Menon, pela minuciosa revisão da primeira versão deste trabalho, à professora Ana Zilles e à colega Márcia Castro, pelas contribuições por conta da apresentação da versão preliminar deste trabalho na *X Semana de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, à professora Izete Lehmkuhl Coelho, pela sugestão de publicação, e à professora Edair Gorski, pela revisão da versão final.

¹ As formas *comigo, contigo, conosco*, etc., têm historicamente preposição.

² Note-se que *você e a gente* não figuram como pronomes. Para *você*, algumas gramáticas colocam uma nota explicativa dizendo que é um pronome de “2ª pessoa com verbo na 3ª” ou que é “2ª pessoa indireta” (Luft 1986). A forma *a gente* não costuma figurar no quadro de pronomes pessoais, nem em nota. Menon (2004), em comunicação pessoal, afirma que, em geral, a forma *a gente* é encontrada nas gramáticas na parte dedicada às figuras de construção, mais especificamente, na silepse.

³ Uma abordagem gerativista explica muito bem a relação de correferência que existe na frase *Ele se vê* e de não-correferência em *Ele o vê*. O primeiro caso é de uma anáfora e o segundo é de um pronome. Diz a teoria gerativista, no modelo de Regência e Ligação (versão de Haegeman, 1994), que uma anáfora tem que estar ligada dentro do seu domínio; um pronome não pode estar ligado dentro do seu domínio. Assim, *Ele, se, vê e Ele, o, vê* Já **Ele, se, vê e *Ele, o, vê* são agramaticais.

⁴ Estou tomando como padrão no português brasileiro a posição pronominal proclítica.

⁵ Para direcionar a uma leitura reflexiva, decidi colocar o *mesma*.

⁶ É preciso salientar que em determinados dialetos, como o mineiro, por exemplo, no qual os pronomes reflexivos estão se perdendo, o pronome *ele* em função de objeto indireto passa a ser interpretado como pronome reflexivo em estruturas como *Ele, barbeia etc.*

⁷ Ver nota n.ª 3.

⁸ Em alguns dialetos do português, como o mineiro.

⁹ Não é o objeto do meu estudo a gramaticalização de *você/vocês e a gente* em pronomes-sujeito. O conceito de gramaticalização adotado pela autora para a descrição desses processos não é necessariamente o mesmo conceito que vou utilizar para tratar da gramaticalização dos pronomes reflexivos.

¹⁰ Nunes (1995) estabeleceu sete classes de clíticos anafóricos, pautado em propriedades formais e critérios com base na teoria gerativa.

- *Corpus* diacrônico: Documentos do período de 1555-1989 do acervo de Lingüística Histórica da UNICAMP (2050 dados);

- Banco de dados PUCSP: Treze entrevistas socialmente estratificadas (470 dados);

- *Corpus* de português europeu, utilizado apenas para contraponto (84 dados);

- Revista *Veja*: reportagens publicadas no período de maio de 1988 a maio de 1989 (68 dados).

¹² As frases foram extraídas de entrevistas de Florianópolis, uma das cidades constituintes do Banco de Dados VARSUL (Variação Lingüística Urbana na Região Sul do Brasil). As duas primeiras letras referem-se ao estado (Santa Catarina), as três letras seguintes referem-se à cidade (Florianópolis) e o número é o número do informante. A sigla seguinte informa o sexo do falante (F para feminino e M para masculino), a faixa etária (J para 15 a 24 anos, A para 25 a 49 anos e B para mais de 50 anos) e o tempo de escolarização (P para 2 a 4 anos, G para 5 a 8 anos e C para 9 a 11 anos).

¹³ Hopper (1991, p. 22) explica essa reminiscência de traços da forma original pelo princípio da *persistência* quando uma forma sofre gramaticalização passando de lexical a gramatical, alguns traços de seu sentido lexical original tendem a continuar, e detalhes da sua história lexical podem se refletir no condicionamento da sua distribuição gramatical.

¹⁴ Em estudo sobre a expressão da subjetividade no inglês, Scheibman (2001) constata que a 3ª pessoa do singular é a mais freqüente no discurso, em torno de 40%.

¹⁵ Deriva de *him* (pronome objeto, 3ª pessoa do singular, do inglês).